



Ceilândia: uma nova sociedade que se integrou em Brasília no curto espaço de sete anos, que hoje, orgulhosamente assegura que ela EXISTE

## A FACE REAL DA CEILÂNDIA

Faz sete anos, apenas. Por isso, parece que foi ontem. O Governo, de repente, viu-se assaltado pelo imperativo de erradicar as invasões, de conter a inchação que se processava na Capital da República, de assumir o desafio social dos favelados, de acomodar, racionalmente, a corrida migratória decorrente da construção de Brasília, fato que ainda hoje se repete, sempre com uma resposta positiva, eis que a cidade, como árvore generosa, projeta sua sombra para dar guarida a todo viajor.

Assim aconteceu à Ceilândia. Do nada formou-se o embrião, a gestação acompanhada de todos os cuidados para que o fruto dessa nova Gênese fosse, positivamente, o grande benefício visado pela proposta oficial. Como tudo quanto se constrói com a estigma da perpetuidade, a Ceilândia viveu numerosos problemas, mas a eles soube sobrepor-se

com a disposição firme de quem sabe como encontrar o futuro. Com a responsabilidade de quem tem consciência que não pode falhar a um desafio social. Com a perseverança de quem sabe esperar o amanhã.

Em sete anos, eis a cidade. Afirmada, consolidada, atingindo nível de expansão e crescimento filiado a padrões rigorosamente técnicos e humanos, podendo ser até considerada modelo para a fixação de grandes contingentes populacionais, posto que, ali, o termo participação ganhou a verdadeira dimensão de comunidade.

Se é verdade que o esforço oficial pode operar milagres quando bem orientado, na Ceilândia essa verdade ganha novos contornos. A ele se associa a vontade de uma população que sabe inventar caminhos para superar qualquer problema. A medida que eles vão surgindo são debelados, também, porque existe uma consciência coletiva, uma solidariedade ima-

nente, que tem início na desvelada administração regional e acaba no mais humilde dos barracos.

Não há, em todo o Distrito Federal, expressão social mais vigorosa. Nenhum conceito de desenvolvimento pode ser superior ao da Ceilândia, em apenas sete anos. Fiel à filosofia de repúdio ao paternalismo, sem jamais estender a mão à caridade, a Ceilândia representa, hoje, uma organização comunitária que sabe responder aos desafios e procurar o seu próprio destino.

A formação de lideranças, criteriosamente orientada pelo desvelo quase maternal de Maria de Lourdes Abadia Bastos, tem sido fator decisivo na ordenação social da mais jovem satélite de Brasília. Ela representa participação efetiva, encontro de todos à procura de um mesmo objetivo, qual seja a felicidade de cada um para que daí resulte uma co-

munidade inteiramente feliz.

Cada semente plantada, há sete anos, configura, hoje uma safra de sazoados frutos que alimentam as esperanças e cristalizam, para a história de Brasília, a máxima de que o homem, quando quer, pode, realmente, construir a eternidade. De mutirão em mutirão, projetou-se uma nova paisagem, edificou-se uma cidade, criou-se um núcleo social sedimentado na certeza de que o mundo é um só, de que os desníveis subsistem, somente, quando os homens aceitam submeterem-se aos desencontros circunstanciais.

O desafio da Ceilândia foi absorvido em sete anos. A descrença de alguns poucos está sepultada em sete anos. Uma nova sociedade integrou-se a Brasília, no curto espaço de sete anos. E, se o importante é existir, estamos frente à frente com uma confortadora verdade: a Ceilândia existe!